



## Manejo integrado de tripses em hortaliças

Miguel Michereff-Filho

<sup>1</sup>Embrapa Hortaliças, Caixa Postal 218, 70359-970, Brasília, DF

No Brasil há grande diversidade de espécies de tripses, incluindo fitófagos, predadores e ectoparasitas de outros artrópodes e fungívoros. Como pragas em hortaliças, destacam-se *Frankliniella schultzei*, *F. occidentalis*, *F. zucchini*, *Thrips tabaci* e *T. palmi*, sendo todos da família Thripidae. Os tripses causam injúrias diretas às plantas pela alimentação, eliminação de gotas fecais ou oviposição nos tecidos. Contudo, em várias hortaliças, sua relevância deve-se à transmissão de tospovírus, cujas doenças ocasionam severas perdas na produção. O uso de inseticidas químicos não é suficiente para o controle efetivo dos tripses e das tospoviroses. Para solução desse problema deve-se preconizar o manejo integrado de pragas (MIP), focado na integração de medidas de controle preventivas direcionadas ao vírus e ao vetor. Assim, a seleção e o uso planejado dos métodos de controle devem considerar os conhecimentos sobre a relação tripses-patógeno-hospedeiro, a gama de plantas hospedeiras, o comportamento e ecologia dos tripses, além dos aspectos epidemiológicos. As medidas de controle direcionadas aos tospovírus incluem: a escolha de áreas distantes de outras culturas hospedeiras; a escolha de épocas de plantio de menor incidência da doença; o uso de cultivar resistente aos vírus; a eliminação de fontes de inoculo; a destruição dos restos culturais e a rotação de culturas. Para o vetor recomendam-se medidas que dificultem seu deslocamento (barreiras físicas) e seu comportamento (superfícies reflectivas ou fotoseletivas e repelentes/deterrentes químicos), que reduzam sua população (eliminação de hospedeiros, controle químico e controle biológico) e que interfiram no processo de transmissão. Todas estas medidas deverão ser adotadas em programas de manejo integrado implementados em escala regional.

**Palavras-chave:** Thysanoptera, Controle, Horticultura.

**Apoio:** Embrapa.

## Controle biológico de tripses no Brasil: o que falta para sua adoção?

Luís C.P. Silveira

<sup>1</sup>Departamento de Entomologia (DEN), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Caixa Postal 3037  
Lavras, MG Brasil - CEP 37200-000. Email: lcp silveira@den.ufla.br

Os tripses apresentam grande importância econômica, sobretudo aqueles da sub-ordem Terebrantia, sendo que hoje cerca de dez espécies são consideradas pragas em diferentes continentes e hemisférios do planeta. Como são insetos adaptados e invasores, sua regulação torna-se um desafio em muitas espécies olerícolas e em floricultura. Além das injúrias provocadas pela oviposição, alimentação e pela presença de fezes, os tripses ainda são transmissores de viroses, o que os enquadra em pragas severas. Uma das melhores opções para sua regulação é o controle biológico. Existem diversos inimigos naturais de tripses, sobretudo percevejos predadores do gênero *Orius*, ácaros predadores dos gêneros *Neoseiulus*, *Amblyseius* e *Typhlodromips*, e fungos entomopatogênicos, como *Beauveria*. Cada um desses reguladores apresenta vantagens e desvantagens em relação à sua eficiência e custo. Para a maioria das espécies as técnicas de criação em laboratório já foram desenvolvidas, mas esbarram nos custos de produção para se tornarem criações massais. É o caso de *O. insidiosus*, melhor e mais adaptada espécie para regulação dos tripses. Já foi produzido massalmente no Brasil, mas hoje não está em oferta por problemas de custo de criação. Os ácaros predadores e os fungos entomopatogênicos são mais baratos de produzir, e podem suprir certa parte das necessidades dos produtores, mas com ressalvas. A maioria dos ácaros é mais eficiente contra as ninfas de tripses, enquanto os fungos são mais eficientes dentro de certas condições climáticas, nem sempre presentes nos trópicos. Enquanto não tivermos um sistema barato para criação massal de *O. insidiosus*, uma opção possível é contarmos com a criação aberta desses percevejos, em plantas atrativas ao redor dos cultivos. O cravo amarelo (*Tagetes erecta*) pode ser utilizado para este fim, sem a pretensão de regular sempre eficientemente as populações de tripses, mas permitindo maiores chances de conviver com estes organismos.

**Palavras-chave:** Anthocoridae, Phytoseiidae, entomopatôgeno.

**Apoio:** FAPEMIG, CAPES e CNPq.